



Espanha em armas nas páginas do Correio do Povo – A imprensa brasileira na cobertura da guerra civil espanhola¹

Dr. Luis Alberto Scotto de Almeida
Universidade Federal de Santa Catarina²
Dra. Marta Eymael Garcia Scherer³
Ministério Público Federal

Resumo:

Entre os mais importantes conflitos ocorridos no século passado, destaca-se a guerra civil espanhola, sobretudo por sua particular característica de ser uma batalha de um só país, porém lutada por vários povos. Ao envolver tantas nacionalidade, obteve repercussão e consequências como poucos eventos. No Brasil, a Guerra Civil Espanhola foi recebida como uma luta e uma causa, mas não recebeu grande atenção por parte da imprensa. No extremo sul do país os leitores contavam com o rádio, jornais e poucas revistas para entender o que acontecia do outro lado do Atlântico. Neste contexto, o que era publicado no principal jornal local, o Correio do Povo, era a mais importante referência. Apresentar como esses textos mostraram a Guerra Civil Espanhola para o público brasileiro é o objetivo principal deste artigo, que reúne textos jornalísticos e bibliográficos como fonte de (in)formação na história da imprensa.

Palavras-chave:

Guerra Civil Espanhola; Correio do Povo; história da Imprensa

De julho de 1936 a abril de 1939 o mundo esteve pendente do que acontecia na Espanha, onde o conflito entre as forças nacionalistas de direita, que pretendiam um golpe de Estado, com os partidários da esquerda republicana, no poder na época, dividiu o país ibérico. O que poderia ter sido uma revolução interna se transformou numa longa

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Professor associado do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Luis Alberto Scotto de Almeida Luiz Alberto S. de Almeida, é doutor em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, onde também cursou o mestrado em Literatura Brasileira.

³ Doutora e mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, é jornalista formada também pela federal catarinense. Foi bolsista CNPq de doutorado e atualmente é chefe da assessoria de comunicação do Ministério Público Federal em Santa Catarina.



guerra. “Não seria apenas um, mas três natais que a Espanha passaria sob as bombas. Suas estruturas internas eram mais complexas do que ela própria havia imaginado”, explica Pierre Vilar (1989,p.8).

Os meios de comunicação foram fundamentais nesse período, levando a pouca informação disponível para os cidadãos da Espanha e de todos países. Como deixou relato um ex-combatente, “La radio fue siempre la esperanza. Queipo era más popular em Cataluña que em Andalucía. Y de esperanza se vivía. Mi padre se pasó dos años y medio anunciando el final de la guerra para dentro de quince días...., y, al fin, acertó!” (FONTANA, 1951,p.215). O sangrento conflito entre as "duas Espanhas", que deixou centenas de milhares de mortos e foi tomado por múltiplas atrocidades, terminou com a vitória dos direitistas comandados pelo general Francisco Franco, que impôs ao país a repressão através de uma ditadura que prosseguiu até 1975, ano de sua morte.

No período entre aqueles três natais sangrentos, os maiores nomes do jornalismo mundial foram ver de perto o conflito, contratados por agências de notícias internacional. Afinal, assim “como a década de 1850 fora a grande era do Embaixador, a de 1930 era a do correspondente estrangeiro” (THOMAS, 1964, p.285). Dos textos que desse trabalho resultaram, muitos se transformaram em grandes reportagens, outros pouco disseram sobre o evento. E a maioria apoiava um ou outro lado da luta.

A Guerra Civil Espanhola foi frequentemente descrita como uma guerra de religião. E se compararmos certas fotografias, cem vezes reproduzidas, tendo de um lado igrejas incendiadas, do outro cardeais suntuosamente vestidos, abençoando desfiles militares, parece-me claro perceber o confronto entre 'duas Espanhas' – Espanha 'vermelha' e Espanha 'negra'.

Foram muitos os estrangeiros que entraram nesse confronto, sobretudo no lado “vermelho”. As brigadas internacionais atraíram jovens do mundo todo que buscavam lutar ao lado dos republicanos. Do Brasil, entretanto, foram poucos os voluntários, o que é um dado curioso, haja vista que o país têm em sua história permanente conflitos entre movimentos de esquerda e direita, acompanhados de forte influência externa. Em telegrama arquivado na Embaixada Brasileira em Madrid, datado de cinco de janeiro de



1939, ficamos sabendo que a República espanhola praticamente derrotada fala de 40 ex-voluntários para serem repatriados, pedindo que o governo brasileiro pague suas despesas de retorno e não lhes imponha qualquer sanção política. Entre esses homens estão estrangeiros e descendentes de imigrantes que moravam no país (BATTIBUGLI, 2004,p.163). Um número bastante baixo.

Entre os brigadistas que saíram do Brasil, quase totalidade eram egressos do movimento comunista que havia realizado a chamada Intentona, o levante de novembro de 1935 que tentou tirar o presidente Getúlio Vargas do poder. Podemos bucar as razões para que tão poucos homens tenham ido lutar na Espanha na colonização portuguesa, país com o qual os brasileiros até hoje têm bastante vínculo, como também pela pouca experiência bélica nacional. Entretanto, é sobretudo no momento histórico vivido que podemos encontrar a explicação para a baixa participação de brasileiros.

A década de 30 do século XX foi especialmente tensa no país. Em seu primeiro ano viveu o fim da Primeira República, período de quatro décadas após a queda da monarquia portuguesa, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, onde ficou por 15 anos. Nos primeiros tempos, a revolução constitucionalista de 1932 e a promulgação da Constituição de 1934 dominaram o cenário nacional. Já em 1935 explodiu a revolta comunista que, apesar de contar com poucas forças ou apoio popular, foi combatida de frente pelo governo getulista, que radicalizou suas posições ideológicas até levar a cabo o golpe de Estado de 1937. Desta maneira, quando a Guerra Civil Espanhola inicia, deste lado de cá do Atlântico os partidários de uma esquerda democrática estavam presos ou exilados. Como lembra um dos poucos combatentes brasileiros das Brigadas Internacionais, Apolônio de Carvalho, na prisão ele e seus companheiros,

Acompanhávamos a situação da guerra através dos jornais. Em muitos cubículos havia mapas da Espanha e a gente pedia que as visitas trouxessem alfinetes de cabeças pretas e brancas, para ir marcando as posições das tropas franquistas e republicanas. Quando fui solto, em 1937, achei que eu, como tenente da artilharia, seria útil na Espanha. (CERQUEIRA, 1999,P.7)

A maior parte da população brasileira, entretanto, não acompanha tão de perto o que acontecia na Espanha. Faltavam informações. Para isso contribuiu o fortalecimento das



posições conservadoras da ditadura varguista e, por consequência, dos principais veículos de comunicação. Como maior parte do conflito aconteceu em período após o golpe de 1937, é sob os auspícios de uma ditadura que se deve ler os ecos da Guerra Civil Espanhola na sociedade brasileira. Uma lição que vale para entender o papel dos periódicos em qualquer guerra.

A raíz de cualquier gran conflicto bélico se acrecienta la sed informativa. (...) Pero que nadie se llame a engaño: mediante las crónicas de guerra no sabemos ni qué pasó, ni porqué pasó. Conocemos, eso sí, lo que decominamos em comunicación los efectos de la recepción. De esse modo podemos entender cómo se sentía aquella población em lucha, em revolución” (FIGUERES, 2004, p.22)

O governo brasileiro tinha interesse particular em apresentar a Guerra como o resultado de uma democracia desordenada e caótica. Para os jornais poucas alternativas sobravam, já que viviam sob as regras do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão de controle rígido de tudo que era publicado, que se encontrava acima da própria constituição num país em que os direitos civis estavam suspensos. Nada melhor, pois, do que ter o exemplo espanhol como algo que não deve ser feito, um modelo de como ideais podiam acabar com nossa abandeirada “ordem e progresso”.

Assim, as notícias da Guerra Civil Espanhola tiveram um efeito de eco para mostrar a oposição como incapaz e destruidora de uma nação. Nem todos os veículos eram partidários do governo, por certo, mas quase todos dependiam das informações enviadas por agências de notícias ou pelos poucos relatos de brigadistas que retornavam. E, em sua totalidade, passavam pelo crivo da censura. Até mesmo a correspondência dos cidadãos comuns, muitos com parentes ou amigos na Espanha, era censurada.

O debate sobre a Guerra Civil Espanhola, seus efeitos e envoltimentos brasileiros, convida a supor que houve níveis de comprometimento. Em primeiro lugar, considera-se os limites da participação brasileira submetida ao totalitarismo da ditadura varguista. Por outro lado, é importante ressaltar a existência de sintonia com a problemática internacional, manifestada, por exemplo através da participação dos judeus brasileiros que procuravam, como



os comunistas, afastar o fantasma do fascismo. Igualmente representativo é o papel democratizante que assumia parcela do Exército brasileiro, que no tempo abrigava uma representativa e atuante ala de esquerda. Vale assinalar que a Guerra Civil Espanhola serviu como metáfora para a provocação do grande debate nacional em torno da democracia e de suas viabilidades brasileiras. (MEIHY, s/a, n°2)

O debate é fomentado, sobretudo, com o que aparecia nas páginas dos jornais. Ainda que o rádio já seja uma realidade em boa parte do território, nos anos 30 a maior fonte de informação é o jornal impresso, numa fase em que a imprensa empresa já estava consolidada no país. Com a intenção do governo de manter a opinião pública brasileira distante do intenso debate político povoado pela Guerra Civil em países como França e Inglaterra, as publicações eram escassas, já que havia censura à qualquer publicação ou matéria favorável à República espanhola. “A imprensa brasileira divulgava imagens impressionantes da guerra na Espanha, como crianças mortas e corpos dilacerados” (BATTIBUGLI, 2004, p.113) , explica a historiadora Thaís Battiblugi, lembrando que a culpa de tais atrocidades era seguidamente direcionada aos comunistas e anarquistas sendo os primeiros apresentados como uma ameaça à paz social, e os segundos, como terroristas.

Os intelectuais mais à esquerda fizeram contribuições ao debate, mas eram atitudes isoladas ou de pouco alcance. Um bom exemplo é a Revista Acadêmica. Nesse periódico reuniam-se importantes nomes das artes, tais como Mário de Andrade, Aníbal Machado, Cândido Portinari, José Lins do Rego, Rubem Braga, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade e Érico Veríssimo, escritor que lança o primeiro relato literário sobre o conflito, o livro *Saga*.

Ao lado de contos e poemas, a Revista publicava algumas notas de solidariedade à República e ao povo espanhol como este de maio de 1937: “A República Espanhola está clamando pelo nosso apoio [...] Porque a consagração do direito do mais forte sobre o mais fraco significa concretamente a negação do princípio dos povos disporem de si mesmos e portanto é uma abdicação que se faz da própria liberdade”.

Por outro lado, o envio de doações às tropas nacionalistas era permitido e chegou mesmo a existir uma revista da colônia espanhola pró-franquista do Rio Grande do Sul. A *Notas de España* escrevia textos de propaganda falangista, nos quais os maçons,



judeus e comunistas eram mostrados como os líderes da República espanhola que precisava ser salva, já que “ España no puede morir! España pronto volverá a ser grande!”(BATTIBUGLI, 2004, p.115)

É este mesmo Rio Grande do Sul, estado brasileiro construído por tantos imigrantes, que entra aqui também como estudo de caso a partir das páginas do *Correio do Povo*, um dos mais antigos períodos brasileiros ainda em circulação. A escolha do estado se justifica tanto por sua posição geográfica, que faz fronteira com Argentina e Uruguai, sendo a unidade da federação mais ao sul do país, como pela sua história, já que chegou mesmo a pertencer ao ‘reino de España’ pelo Tratado de Tordesillas.

Esses fatores corroboram a idéia de que os gaúchos acompanharam o desenrolar da guerra civil espanhola com forte interesse. Para tanto, tinham como principal local de informação o jornal *Correio do Povo*, jornal que conta em seu acervo com mais de 36 mil edições, o que o torna ainda hoje uma fonte privilegiada da história local e mundial. O jornal foi fundado em 1895, por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, com o apoio da maçonaria. Desde seu surgimento se auto proclamava apartidário e de grande credibilidade, criando em torno de si uma mística. De fato, já no seu primeiro editorial aparece o anseio de neutralidade política, apesar de no mesmo texto assumir posição quanto à forma de governo que deveria reger o país. (STRELOW, 2010)

(...) Em política – somos pela República, e só alimentaremos a aspiração patriótica de vê-la pujante, amada e próspera, capaz de fazer a felicidade deste grande país, fadado aos mais altos destinos. Independente, nobre e forte – procurará sempre sê-lo o *Correio do Povo*, que não é órgão de nenhuma facção partidária, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna(...). Emancipado de convencionalismos retrógrados e de paixões inferiores, procurará esclarecer imparcialmente a opinião, apreciando com isenção de espírito os sucessos que se forem desenrolando e os atos dos governantes, para censurá-los quando reprováveis, para aplaudi-los quando meritórios. (FRAGA, 2004, p.17)

No mesmo editorial encontramos a frase “Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma facção”. Com apenas 26 anos de idade, Caldas Júnior havia revolucionado a imprensa local, lembrando que nesta época, no Brasil, apenas começava a dar os primeiros passos o jornalismo informativo e empresarial.



Desde a tardia chegada da imprensa em solo nacional, 1980, até a proclamação da República, 1889, o comum era o lema “uma idéia, um jornal”. O jornalismo opinativo não só era costumaz, como ganhava forças a cada novo período de conflitos políticos.

No Rio Grande do Sul, o *Correio do Povo* foi o primeiro jornal a organizar-se como empresa com finalidade lucrativa e aberta, transformando o paradigma jornalístico local. Sua primeira edição saiu com quatro páginas e tiragem de dois mil exemplares. Pouco mais de três anos depois, já eram 4,5 mil exemplares e, desde então, aparece em sua capa a frase: *O jornal de maior circulação e tiragem do Rio Grande do Sul*. Foi também o primeiro a profissionalizar os jornalistas, outra novidade nacional da época, além de investir em tecnologia. Em 1910, para imprimir seus 10 mil exemplares, adquiriu a imprensa impressora rotativa do sul do Brasil.

É esse o periódico, já consolidado com três décadas de circulação, que leva aos leitores locais as notícias da Guerra Civil Espanhola. As informações são obtidas através de agências internacionais, já que não há registro de que tenha enviado correspondente. A seleção do que publica passa pelo crivo da censura, sem dúvida, tanto a governamental quando a interna. O mesmo texto publicado em periódicos de outras cidades e países é replicado nas páginas do *Correio do Povo*, motivo pelo qual é nos editoriais que podemos encontrar os dados mais interessantes sobre a posição da empresa sobre o conflito – e sua posterior influência nos leitores do sul do Brasil. Não é questão de entender o leitor como alguém passivo que a tudo aceita, mas sim de entender a força de penetração do jornal na sociedade gaúcha, entendendo sua função de formador de opinião.

Se nos primeiros momentos do conflito o jornal busca apenas entender o que acontece no país ibérico, logo se posiciona e entende que chamar o governo republicano de legalista seria uma heresia, já que esse não tinha força ou mesmo estimulava a anarquia. Por outro lado, afirma em editorial, não se pode chamar de rebelde quem quer restabelecer a ordem, pois também soaria como uma heresia. Em agosto de 1936 já decide que:



Branco e Vermelho é como d'ora avante, devemos distinguir os contendores, nem mesmo admitindo outra designação nos telegramas ou nas referências dos noticiários. Por branco se entendam os que são nacionalistas, tradicionalistas, cristãos e generosos. Por vermelho se entendam os que são comunistas, internacionalistas, materialistas e impiedosos. Por branco se entendam os que conservam o espírito de raça, os que cultuam os sentimentos morais e cavalheirescos. Por vermelho se entendam os que apagam fronteiras, famílias e até o indivíduo, entregando-se a todas as sanhas subversivas e desumanas. (FRAGA, 2004, p.38)

A partir do momento que o levante militar é deflagrado, em julho de 1936, os jornais brasileiros seguem as diretrizes que norteavam a política externa do governo Vargas, trazendo a opção franquista – nacionalista, cristã e conservadora - como a única legítima. Sem levar em conta as próprias dissidências dentro de cada um dos lados, era preciso apresentar à opinião pública um conflito que contava com apenas dois pólos opostos. E, como as notícias enviadas pelas agências buscavam dar uma maior amplitude aos acontecimentos, coube aos textos opinativos colocar a questão de uma forma maniqueísta, uma luta entre o bem e o mal.

O tom dos editoriais perpassa sempre essa dualidade, abertamente contrária ao governo republicano. Os textos também recomendam que o Brasil e todos os países da América do Sul olhem com cuidado para o que acontece na Espanha, sob o perigo de que tal 'desordem' possa atravessar o oceano. Os ecos da Intentona Comunista de 1935 ainda ressoavam muito forte para que fosse diferente a postura do periódico. Os contextos políticos espanhol e brasileiro eram sempre lembrados, com o objetivo de que fossem esquecidos.

Os textos publicados no *Correio do Povo* sobre a Guerra Civil Espanhola, sejam opinativos ou informativos, tinham como objeto a questão política, em seu aspecto mais macro, naturalmente. Entretanto, algumas vezes virada a lente para os personagens e cenários de quem vivia cotidianamente o conflito, mostrando as peculiaridades da Guerra. Essas aparecem, como não poderia deixar de ser, nos relatos enviados pelas agências de notícias. São notícias que falam das dificuldades práticas do dia-a-dia, das ações individuais, de alegrias e tristezas.



Um dos relatos mais interessantes para entender as mudanças que a Guerra Civil provava no cotidiano espanhol fala de um tema bastante caro a todos que trabalhamos com as letras: a linguagem. É importante perceber como a oralidade se modifica em tempos de conflito, transformando-se em arma, em campo de combate. Neste texto da Associated Press, reproduzido no *Correio do Povo* de 31.12.1937, temos um bom exemplo de como se dava essa outra luta:

“Salud Camarada” esta é a expressão mais usada em toda a Hespanha governista desde as encostas dos Pyreneus na alta Catalunha, Montil e Madrid. Dizem que ela grangeou imediatamente a grande popularidade que hoje desfruta em vista de seu cunho essencialmente proletario muito de accordo com o caracter da propria guerra civil, pelo menos do lado governista. (...) . Essas palavras servem agora para saudar, tendo substituído integralmente o velho cumprimento de *buenos dias*; tambem são empregadas na saudação militar como replica virtual ao *lealismo*, e, nas relações communs, substitue o *adeus* que foi completamente banido em vista de seu fundamento religioso. Em alguns círculos o humilde e simples *hasta luego* ainda está sendo usado, mas o *salud camarada* prepondera francamente tanto mais que diga-se de passagem, muitas vezes o não emprego dessa saudação nova tem trazido dissabores às pessoas registrando-se mesmo algumas acusações claras e mais vezes suspeitas veladas quando se a não emprega.

A guerra veio trazer certas innovações quasi inacreditáveis para a linguagem. Entre ellas a mais interessante é a que elimina por completo certas e determinadas palavras somente porque o outro lado as emprega ou porque as empregou antes do seu contendor. A esse respeito o caso mais característico é o que se passa com a saudação máxima, tanto dos governistas como dos franquistas. Os primeiros, ao saudarem-se uns aos outros nas grandes ocasiões dizem *Viva Espanha* e os nacionalistas também em seus grandes dias saúdam-se mutuamente, ou á bandeira ouro-vermelha com o brado de *Arriba Espanha*, o que, virtualmente, quer dizer mais ou menos a mesma coisa, mas uma coisa é certa, em cada um dos lados constitui crime de traição usar-se a saudação do outro. (31 dez. 1937, p. 2).

São com argumentos como esses, que vão da guerra em si até os detalhes cotidianos, todos perpassados por grande viés ideológico, que eram utilizados pelos jornais ao falar do conflito. O objetivo era condenar o conflito em si, pelo que inspirava ou, como queriam os textos “porque totalmente contrários à índole da Nação Brasileira”. Esse exemplo terrível fazia da Espanha vítima do seus próprios erros – enganos que deviam ser demonstrados para que não acontecessem por aqui. “Oxalá que nenhuma nação deixe de tirar deste incêndio pavoroso as conclusões acertadas”, continua o artigo



publicado no *Correio do Povo* (FRAGA, 2004,p.47). O tom do jornal gaúcho era o mesmo que repercutia em todo o Brasil.

Passados quase 80 anos do fim da guerra civil espanhola, sabemos o quanto faltou à imprensa narrar com maior precisão o que realmente acontecia no país ibérico. O desenrolar dos fatos nos mostrou que as consequências para o mundo da vitória dos franquistas foram muito maiores do que as fronteiras da Espanha. Ao trazer este exemplo de caso para abordar o tema “guerra e paz” na história do jornalismo, percebemos como os modos e as práticas de comunicação desempenham papel central nos conflitos. E como, por isso mesmo, toda reflexão sobre o fazer jornalístico em tempos de guerra ainda será pouca.



Referências bibliográficas

BATTIBUGLI, Thaís. **A solidariedade antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene. **Ecos da Segunda República e da Guerra Civil Espanhola no Brasil**. Tempo: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. N°8. Agosto, 1999. Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-5.pdf

FIGUERES, Josep Maria (org.) **Madrid em guerra** – Crónica de la batalla de Madrid, 1936 – 1939. Barcelona: Ediciones Destino, 2004.

FONTANA, José M^a. **Los catalanes em la guerra de España**. Barcelona: Ediciones Acervo, 1951.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branços e vermelhos** : a guerra civil espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939). 135 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2004.

MEIHY, J. C. **O Brasil no contexto da Guerra Civil Espanhola**. Olho da História: Revista de História Contemporânea da Universidade Federal da Bahia. N°2. Disponível em <http://www.oohodahistoria.ufba.br/sumario2.html>

STRELOW, Aline. **Breno Caldas: Poder e declínio de um dos mais influentes jornalistas gaúchos**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Lisboa, 2010. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-imprensa-strelow.pdf>



THOMAS, Hugh. **A guerra civil espanhola**. 1ºvol. Tradução: James Amado e Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

VILAR, Pierre. **A Guerra da Espanha**. Tradução: Regina Célia Xavier Freire. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1989.